



PROJETO
SERTÃO CARIOCA
CONECTANDO CIDADE E FLORESTA

BOLETIM MULHERES. JOVENS E GRIÇOS

CONECTANDO INTERCÂMBIOS SABERES E EXPERIÊNCIAS

Edição Nº 4 - Agosto, 2022



**A importância dos
intercâmbios para a agricultura
urbana do Rio de Janeiro**

Páginas 5 a 11

**Se os intercâmbios
fossem palavras**

Páginas 12 e 13

**Independente de tempo e espaço,
outros intercâmbios gostaríamos
também de fazer**

Páginas 14 a 16

Ficha Técnica

Conhecimentos compartilhados por

Áurea Andrea, Marina das Graças Dantas, Irani de Almeida e Eliete dos Santos - **Empório da Chaya**

Nair Maria Silva e Leila de Souza Netto - **Arranjo Local de Pedra de Guaratiba e Coletiva Mulheres de Pedra**

Rosane Miranda (Negra Rô) e Larissa Cristina - **Arranjo Local da Serra da Misericórdia e Verdejar Socioambiental**

Evelin Dias, Jéssica Marinho de Salles da Paz, Yasmim Kemilly Marinho de Salles da Paz e Eva kailany Salles da Paz Oliveira - **Arranjo Local da Penha e Centro de Integração na Serra da Misericórdia (CEM)**

Sandra Maria dos Santos e Fátima Maria Leandro da Silva - **Quintais Produtivos da Colônia**

Fátima Conceição - **Geneciano e Projeto Raridades**

Alzenir da Silva Fausto e Rutielen da Silva Braz - **Cooperativa UNIVERDE**

Sarah Rubia - **Feira da Roça de Vargem Grande**

Vitória Caio - **Arranjo Local de Guaratiba e Fundação Angélica Goulart**

Janete Passos e Hely Passos - **Pilar, Duque de Caxias**

Lohana Adoni - **Parque Marilândia, Duque de Caxias**

Organização, elaboração e compilação:

Mariana Portilho e Yasmin Abreu

Realização - GT Mulheres do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA:

Ana Carolina Milanez, Bruna Távora, Caroline Rodrigues, Caroline Santana, Geovana Melo, Ingrid Pena, Josiane da Silva Fausto, Kizzy Martins, Larissa Cabral, Letícia Ribeiro e Mariana Portilho

Facilitação Gráfica

Bianca Santana

Projeto Gráfico

Gabriel Amorim

Imagens

Ronald Souza @ronnsm_

Revisão

Yasmin Abreu

Coordenação Editorial

Mariana Portilho e Bruna Távora



“Ah, minha Criatura admirável... Seja bem-vinda... Entre, entre... Estou esperando por você... é, por você e pelo seu espírito! Fico feliz por você ter conseguido encontrar o caminho... Venha, sente-se comigo um pouco. Vamos fazer uma pausa, deixando de lado todos os nossos “inúmeros afazeres”. Haverá tempo suficiente para todos eles mais tarde. Em um dia distante, quando chegarmos às portas do paraíso, posso lhe garantir que ninguém vai nos perguntar se limpamos bem as rachaduras na calçada. O que é mais provável é que no portal do paraíso queiram saber com que intensidade escolhemos viver; não por quantas “ninharias de grande importância” nos deixamos dominar. Por isso, vamos permitir apenas que o pensamento tranquilo nos abençoe por um tempo antes que voltemos a falar sobre o velho realejo do mundo... Venha, experimente essa poltrona. Acho que é perfeita para o seu corpo querido!

Agora, respire bem fundo... deixe os ombros caírem até o ponto que lhes seja natural. Não é bom poder respirar esse ar puro? Respire fundo mais uma vez. Vamos... Eu espero. Viu? Você está mais calma, mais presente agora. Preparei a lareira perfeita para nós. O fogo vai durar a noite inteira

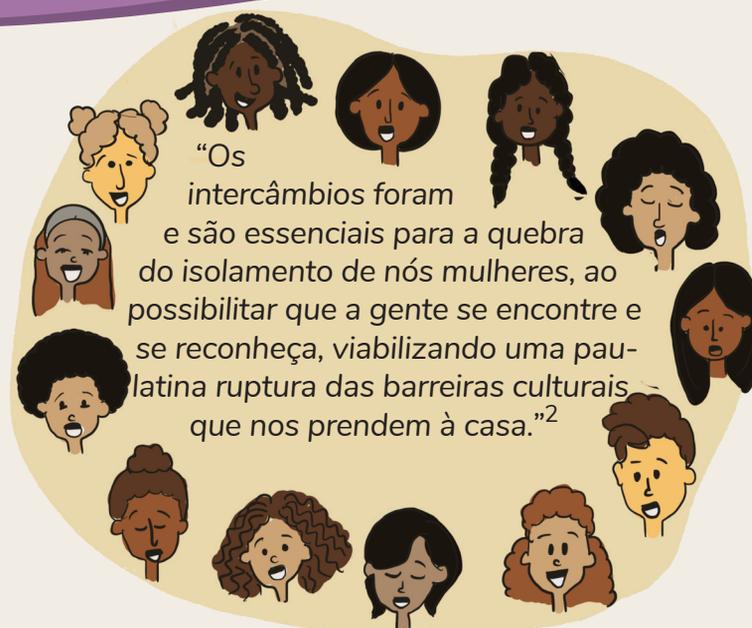
— suficiente para todas as nossas “histórias dentro de histórias”. Um momentinho só enquanto termino de lavar a mesa com menta fresca. Pronto, vamos usar a louça bonita. Vamos beber o que estávamos reservando para “uma ocasião especial”. Sem dúvida, “uma ocasião especial” é qualquer ocasião à qual a alma esteja presente.

Você já percebeu? “Reservar” para outra hora é o jeito que o ego tem de dizer, rabugento, que não acredita que a alma mereça prazer no dia-a-dia. Mas ela merece, de verdade. A alma sem dúvida merece. Por isso, vamos nos sentar um pouco, comadre, só nós duas... e o espírito que se forma sempre que duas almas ou mais se reúnem com apreço mútuo, sempre que duas mulheres ou mais falam de “assuntos que importam de verdade”. Aqui, neste refúgio afastado, permite-se... e espera-se que a alma diga o que pensa. Aqui sua alma estará em boa companhia. Posso garantir-lhe que, ao contrário de muitas no mundo lá fora, aqui sua alma está em segurança. Fique tranqüila, comadre, sua alma está a salvo.”[...]

Fragmento de *A Ciranda das Mulheres Sábias*, de Clarissa Pinkola Estés¹

1. ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias. Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. In ____ . *A Pequena Casa na Floresta*. Trad.: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. cap. 1, p. 3-5.

A importância dos intercâmbios para a agricultura urbana do Rio de Janeiro



Evelin Dias

Assistente Social, militante do movimento negro de mulheres. Sua primeira viagem de avião foi para a Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, na Paraíba. Lá, o que chamou mais sua atenção foi experiência de construção das cisternas, através do Projeto P1 + 2 - Uma Terra e Duas Águas, realizado pela ASA (Articulação pelo Semiárido) e que tem o objetivo de estocar água no bioma com a proteção e armazenamento da água. “Na minha casa na favela, na Quatro Bicas / Vila Cruzeiro / Serra da Misericórdia, a questão da água e de ter água é muito relevante pra mim. E hoje, na Serra, também tem uma cisterna em construção para atender à comunidade. Lá, também temos feito muitos Intercâmbios que têm gerado conhecimento e experiências de coletividade. Como as visitas aos quintais para ajudar a plantar, a fazer mutirão e, principalmente, para reunir as mulheres do local para se cuidar.”



Janete Passos

“Sou iniciante, ainda não conheço os intercâmbios, mas em pouco tempo estarei me sentindo como vocês também.”

2. FREIRE, Adriana Galvão. Pela vida das mulheres e pela agroecologia: agricultoras da Borborema reescrevem suas histórias. *Agriculturas. Experiências em Agroecologia: Pela Vida das Mulheres e Pela Agroecologia*. Agriculturas, edição brasileira. Vol 12, n.4, p. 7-14, dez. 2015. Disponível em: http://aspta.redelivre.org.br/files/2019/09/Agriculturas_V12N43-Artigo1.pdf Acesso em: 23 ago. 2022.

Rosane Miranda (Negra Rô)

Libriana, flamenguista, mangueirense, adora um samba e ama a vida. Tem o projeto Quintal da Negra Rô, inspirado na coletiva Mulheres de Pedra. Faz parte do Projeto Agroecologia Cultivando Saúde e Bem Viver nas Favelas, desenvolvido pela organização comunitária Verdejar Socioambiental em parceria com a AS-PTA. Dentro desse mesmo projeto, capacita mulheres para fazer a pomada milagrosa, com receita ensinada pelas mulheres da Rede Fitovida, que compartilharam o conhecimento ancestral de suas avós, bisavós e tataravós. Negra Rô trouxe a pomada para o encontro e comentou sobre sua experiência mais marcante de intercâmbio: “Tive a oportunidade de ir na Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, na Paraíba, e o que mais me impactou foi a cozinha coletiva, onde todas/os agricultoras/es levam seus produtos para esse local e só podem trabalhar produtos orgânicos - tem um local que separa e faz os testes; se for orgânico entra na cozinha, se não for, nem entra. Então esse cuidado com a alimentação do outro também é conectividade, porque a gente está se alimentando com algo que alguém plantou com muito carinho para a gente.”



Mariana Portilho

“A potência do intercâmbio é quando a gente se vê na fala de outras companheiras, quando se reconhece na prática de mulheres que apesar de não morarem no mesmo lugar que a gente, experimentam sentimentos parecidos. Percebemos que não estamos sozinhas, mas que as formas de resolução para os desafios que enfrentamos são muitas e múltiplas. Trouxe para o encontro um elemento que, para ela, simboliza um de suas experiências em intercâmbios: a pulseira de identificação que recebeu durante a Marcha das Margaridas, que ocorreu em 2019. E conta que naquele intercâmbio as mulheres agricultoras do Rio de Janeiro saíram em grupo em direção a Brasília e que, sem acesso ao banheiro no percurso da viagem, com elas ,aprendeu outras técnicas de asseio: “Foi aí que eu descobri a potência que têm os lençinhos umedecidos”, brinca. E conclui: “Em cada intercâmbio a gente aprende a conviver com as companheiras e a viver desafios - a gente compartilha saberes”.



Caroline Santana

Filha de Sueli, irmã da Bianca. Sua experiência mais marcante de intercâmbio foi a viagem para a Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, na Paraíba: “Uma experiência muito linda por encontrar mulheres de diversos espaços que compartilham a mesma luta.”

Áurea Andréa

‘Depois que fui para o acampamento do MST em 2009, conheci pessoas e lugares e o que me marcou muito foi o 3º Encontro Nacional de Agroecologia (ENA). Foi a minha primeira vez na Bahia. Um colega de infância ao ver as fotos dessa viagem nas redes sociais, disse que a mãe dele estava morando lá, em Petrolina. Era minha vizinha quando eu era criança. Uma mulher baiana muito pobre com muitos filhos, mas que fazia cuscuz de milho e dava para a gente. E meu pai dava galinha em troca. Por conta dessa minha ida a esse intercâmbio, tive a oportunidade de ir encontrar com ela, depois de mais de 20 anos sem ver. Nesse dia contei pra ela que estava no acampamento [do MST] e ela respondeu - ‘Vou te contar uma novidade. Você é sem terra? Eu estou com terra! Agora sou assentada. Minha filha é tratorista do assentamento. Eu tô torcendo por você, que consiga a sua terra também.’”



‘O início do Empório da Chaya, também é fruto de uma vivência que tive de outro intercâmbio, no curso de Árvores na Agricultura, pela escolinha de agroecologia da AS-PTA. Nesse encontro a ONG Verdejar estava presente e levou mudas de chaya. Ali, provamos o suco verde e aprendemos sobre suas propriedades medicinais. Levamos uma muda e plantamos no acampamento na beira da estrada. Mais adiante, o acampamento estava em período de seca e não havia nada além de chaya, que é bastante resistente. Então fizemos 90 mudas de chaya e levamos para a feira da reforma agrária; no primeiro dia acabou tudo; depois vendemos a folha in natura, suco verde e crepioca de chaya, e tudo foi um grande sucesso, o fogãozinho não tava dando conta. Aí resolvemos criar o coletivo de mulheres Empório da Chaya. A nossa história começou assim, os intercâmbios proporcionaram hoje existir um coletivo com o nome da planta que a gente recebeu na troca de mudas.’”

Eliete dos Santos

Lembrou de uma experiência marcante em um intercâmbio de agroecologia no Paraná, quando inundou o barracão onde estavam dormindo - dormiam no chão sobre uma lona e acordaram debaixo d’água.



Yasmin Abreu

“Eu queria dizer como os intercâmbios são mágicos. Eu sinto tão forte aqui o sagrado do contato com a terra e das coisas que realmente importam. E encontrar o lugar onde para outras pessoas isso também é importante é um ar tão bom! É sobre o alimento do corpo e da alma - sobre o que é realmente vital na vida das pessoas. Estou muito feliz de estar aqui presente e poder acompanhar como uma formiguinha vendo as coisas acontecendo. Sinto imensa gratidão.”



Fátima Conceição

Comentou sobre o intercâmbio na Fazendinha, onde ficou muito emocionada porque quando era criança vivia em uma fazenda e colhia melancia, arroz, amassava gergelim com o pilão... “Foi gratificante lembrar isso - memória resgatada ao conviver outra vez com o verde.” Contou que tem um terreno nos fundos de sua casa e que pensava construir algo lá, mas que mudou de ideia: “Aquela terra vou aproveitar para fazer um quintal. Quem sabe no próximo encontro vou trazer fotos e algumas mudas...”.

Larissa Cabral

“O que mais me alimenta e move é estar em um encontro entre mulheres da agroecologia. Porque fomos nós, as mulheres, as nossas ancestrais que criaram a agricultura. É um fio que vem de muito tempo e continua hoje.” Ela deu o exemplo de mães acompanhadas de suas filhas nessa oficina, e até mesmo uma que ainda está na barriga, mas que já está presente através da gestação de sua mãe. “É muito sagrado, é potência para além das trocas, o encontro num espaço onde podemos falar sem medo, sem vergonha, onde a gente consegue se ouvir. Tem coisas que colocamos aqui e que não poderíamos colocar em outros lugares.” Ela falou da possibilidade de novas experiências que o intercâmbio proporciona para algumas mulheres, como ir para novos lugares, e de fazer coisas pela primeira vez. E como o intercâmbio possibilita, para além das diferenças, o reconhecimento de identidades: “Ver que apesar da distância, assim como estamos resistindo no nosso território, outras pessoas também estão resistindo no território delas. Esse é o encanto da coisa.” Conclui com a experiência de fazer parte da organização de um encontro: “Ser parte da partilha - não é só o momento do encontro, mas tudo o que acontece em volta do intercâmbio.”



Alzenir da Silva Fausto e sua filha Josi

“Falar de intercâmbio para mim é algo especial. Desde 2005 que vivo nessa roda de intercâmbios, nesses passeios - 20 anos de estrada trocando experiências. A gente conhece muitos rostinhos e trabalhos. É uma experiência que não só mexe com a emoção, mas traz conhecimento, porque quando a gente se reúne, a gente traz e leva. E aprende não só para gerar renda, mas cresce nosso ego e valoriza nossa vida como agricultoras e mulheres empreendedoras. A gente sente que, se morrermos, o trabalho não vai parar, vai continuar com alguém. Não vai morrer o seu trabalho. E aí você vai permanecer sempre viva. Tocamos o trabalho no campo, plantamos, comercializamos, vendemos, escrevemos histórias.”



Sarah Rubia

A Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, na Paraíba, a marcou por diversos aspectos. Contou que sempre esteve mais nos bastidores, editando fotos, vídeos, cards e não tinha uma atuação presencial nos movimentos. Mas, depois do falecimento de sua mãe, esteve presente na marcha. “No começo de 2020, tinha perdido a minha mãe, a pessoa que manteve o elo de agroecologia comigo; ela era das ervas, me ajudou a educar meus filhos dentro desses conceitos - chás, ervas, alimentação vegetariana.” Aquele encontro frutificou interna e externamente para ela “Voltei cheia de ideias na cabeça, porque a resiliência é o objetivo de tudo. Então tudo o que eu via, pensava ‘Isso em Vargem Grande vai ficar legal’. Mas quando a gente botou o pé no Rio começou a pandemia. Posso dizer que ter estado nesse intercâmbio foi o que me manteve em pé durante a pandemia. Ver aquela energia e saber que estamos em rede, com mulheres no Brasil inteiro encarando coisas até piores, com diferentes histórias e realidades, isso me deu força.”



Leila de Souza Netto

“Sou mulher negra, totalmente negra. Estou com as Mulheres de Pedra há 22 anos. Resistindo com arte e cultura, nesse espaço que nos inviabiliza; não só na Zona Oeste, mas em qualquer outro território onde mulheres pretas estão ali na resistência. O intercâmbio é potente, nos une, nos integra; permite várias experiências lindas. Quando a gente tem a ousadia de sair e se encontrar dentro dessa relação agroecológica - mexer com a terra é vivenciar a terra, é semear e colher, isso gera essa ruptura. Nos fortalece e nos traz uma dimensão maior essa questão de sair da cozinha. Porque qual é o lugar que a maioria dos homens adoram nos ver?”

Vitória Caio

Está na FAG desde criança, como aluna e agora como educadora. Contou que a princípio, quase não participava das atividades porque quase não falava, era muito tímida. Mas que um dia escutou que só ela mesma poderia contar suas histórias, porque são suas as próprias vivências: “A partir daí comecei a falar muito. Viajei para Lima (Peru), no encontro das infâncias, representando os adolescentes do Brasil. E foi participando desses encontros e intercâmbios que me saí de várias coisas que poderia estar passando - foi muito forte. Os encontros sempre me salvaram. Na pandemia fiquei muito vulnerável e a Fundação Angélica Goulart me chamou de volta para fazer aqui um trabalho com mulheres, de fotografia e vídeo, e me fez resgatar uma paixão que era a fotografia. Vim usando esses brincos com olhos porque é o meu olhar. Adoro estar nesses encontros porque é onde posso falar e ser eu. Ouvir o outro, se perceber no outro, se reconhecer, se apoiar e se ajudar. Sempre retorno mais fortalecida e com ideias novas.”



Fátima Maria Leandro da Silva

“A Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, na Paraíba, foi um dos intercâmbios que mais me marcou porque foi minha primeira vez viajando de avião. Fiquei muito nervosa, mas foi uma experiência maravilhosa. Além de ter feito a marcha, me botaram na linha de frente. Nunca fiz isso, ‘mas é sua cara, tem que ser’, me disseram. Me marcou tremendamente também que lá o gás de cozinha era abastecido pelas fezes das vacas”. Ela comentou também sobre “muitas outras coisas maravilhosas”, segundo suas palavras, que viu por lá: trocas de mudas, banco de sementes e da ajuda aos/as pequeno/as agricultores/as - contou sobre uma agricultora que conseguiu empréstimo para fazer um açude para peixes e uma cozinha para vender sucos com polpa de fruta, aumentando assim sua renda e podendo ajudar a outros/as.



Irani de Almeida

“Estava num momento muito difícil, sem expectativa de vida quando conheci o acampamento Marli Pereira e ali eu criei asas. A palavra é liberdade.”

Lohana Adoni

“Estou representando meu território de Duque de Caxias. Participei do intercâmbio na Fazendinha, adorei, saí de lá cheia de ideias e projetos em mente. Fui muito bem acolhida e recebida.”



Sandra Maria dos Santos

Trouxe para o encontro sementes de quiabo redondo de um intercâmbio que foi em Minas Gerais, e manjerição do próprio quintal.

Letícia Ribeiro

A primeira experiência de Intercâmbio foi a Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, na Paraíba. Sobre a riqueza das trocas e dos intercâmbios, destaca: “Essas experiências são ricas porque a gente sempre aprende muito um com o outro. Sempre fico muito feliz quando a gente tem a oportunidade de se encontrar para trocar.”



Marina das Graças Dantas

“Fui criada em fazenda, em Minas Gerais, até os 12 anos; eu amava aquela vida - solta na fazenda, plantando, ajudando. Depois que meu avô perdeu a fazenda, minha mãe veio para o Rio de Janeiro com a gente e é outra vida. Mas fui criada em fazenda e sou apaixonada por fazenda, terra e plantação. Então a Áurea me proporcionou isso, porque agora estou participando do Coletivo Empório da Chaya e isso me faz muito bem porque vivo sozinha e me faz muito bem participar. Trouxe a minha origem de volta.”



Larissa Cristina

“Gratidão por vocês e pela AS-PTA - pelas histórias que todo mundo aqui contou a AS-PTA já fez tanta coisa por tanta gente. Cada uma aqui faz sua parte e ajuda o mundo de alguma forma, de pouquinho em pouquinho cada uma se levanta e levanta o próximo, e de repente acha que não, mas já fez muito por muita gente. Porque a gente não vive, a gente sobrevive e vocês ajudam muitas pessoas a sobreviverem um pouco mais nesse mundo. Gratidão a todas.” Ela contou de uma experiência marcante num intercâmbio no Empório da Chaya, quando foi coletar mel e teve o pé picado por abelha e não caminhou por vários dias. “Pelo menos descobri que tenho alergia à picada de abelha”, brinca. E complementou sobre essa experiência e uma visita no Cafundá Astrogilda, com pausa para comer na Tati Mesquita: “Vai lá visitar, nesses lugares a comida é de verdade - é forte, muito boa!”



Rutielen da Silva Braz

“Uma experiência muito enriquecedora na minha vida, muito gratificante. Não tinha participado de algo assim tão envolvente.”

Jéssica Marinho da Paz, Yasmim Kemilly da Paz e Eva Kailany da Paz Oliveira

“Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher”.



Se os intercâmbios fossem palavras

ANCESTRALIDADE

AFETO

SAGRADO

ENCANTO

RESGATE

COMIDA

CIRCULARIDADE



RESPEITO

ESPERANÇA



TROCA

POTÊNCIA

GRATIDÃO

LIBERDADE

REPRESENTATIVIDADE

Independente de tempo e espaço...

Barreiras de Baía,
Fazendinha.

Fazenda colonial,
na região de Sero-
pédica, Vassouras,
Paraty e Petrópolis,
ou os laranjais em
Campo Grande. Um
dia com a história
ancestral. Contam
partes da história
que geralmente não
nos contam
nas escolas.

Fazenda São Ben-
to e Fazenda Santa
Clara, em
Rio Preto, MG.



outros intercâmbios gostaríamos também de fazer...



Experiência em agricultura urbana em Maricá.



Aldeia indígena e quilombos em Paraty, encontro com outras culturas.



Fazenda Noiva do Cordeiro, em Belo Vale, MG. “Lá vivem numa comunidade matriarcal e se organizam em uma cooperativa de mulheres. Parte delas trabalha na roça, outra faz roupas, outra cuida das crianças. Os homens casados dormem num outro complexo. Fazem uma outra organização de vida lá.

Intercâmbio de Retalhos



Que tal construir uma grande colcha coletiva? Um pedaço num lugar, depois no outro, e numa culminância, reunir histórias das mulheres da agroecologia. Um símbolo que circule e depois vire um símbolo das nossas lutas. A arpilheira é uma técnica de se fazer bordados. Vinha da importância da comunicação entre mulheres, que transmitiam as informações e os acontecimentos umas às outras através do bordado da artilheira.

Onde nos encontramos?

A Fundação Angélica Goulart (FAG) é uma instituição filantrópica sem fins lucrativos que atua há 30 anos na promoção dos direitos da criança e do adolescente. Foi ali que aconteceu a 4ª Oficina de Saberes e Memórias. Dona Nair Maria Silva, da Coletiva Mulheres de Pedra, contou que estudou na Fundação: “Eu tinha 64 anos quando entrei para fazer no ensino fundamental e concluí quando fiz 70. Escuto tudo da minha casa, aqui é meu quintal. Para nós a Fundação é muito importante.

